

Nossa Senhora na lírica popular

POR

Rebello Bonito

I — Nossa Senhora nos cantos de romaria

O povo português canta quando trabalha, quando folga, quando cria o filho. Canta no campo, no terreiro e junto ao berço. E também canta nas romarias, aos Santos da sua devoção, ou no interior do templo quando se entrega a exercícios espirituais.

Os cânticos populares a Nossa Senhora ouvem-se como pura exteriorização de sentimentos devotos ou, então, no ambiente eclesiástico, sujeitos à disciplina canónica e orientação do celebrante. Há, pois, duas espécies de cânticos a Nossa Senhora, semelhantes entre si pela intenção mas diferindo pelo lugar e pela presença ou ausência do sacerdote. Uns são litúrgicos, outros profanos.

Os cantos dos romeiros obedecem, é certo, ao impulso da fé, mas o povo busca simultâneamente motivos de fruição e entrega-se ao prazer de passar um longo dia junto do Santuário, cumprindo suas promessas, rezando suas orações, comendo o seu farnel, vendo passar a procissão, bailando pela noite fora e recolhendo a casa, após o «fogo», ou no dia imediato — cansado, saciado de sensações e movimento.

Os cantos dos romeiros, porque outro é o lugar e diferente a disposição, porque diverge o cenário e a atitude religiosa, não

se assemelham aos cânticos dos fiéis nas cerimónias do culto. Aqui, tudo é disciplina e circunspecção. O repertório músico-poético denuncia mão hábil na aplicação das regras e ciência mais ou menos profunda na utilização dos temas de inspiração. Nos cantos de romaria, pelo contrário, tudo é simples e natural, por vezes ingénuo; e, quer os versos quer as solfas, têm a frescura das coisas que a Natureza cria e sem esforço dá, como que obedecendo, sem alarde nem canseiras, às leis do seu próprio destino.

O romeiro faz vésperas.

*Nossa Senhora da Póvoa,
Mandai sol, que vai chover;
Que se molham os vestidos
Dos fiéis que vos vêm ver (1).*

The musical score is written on five staves in a single system. The key signature has one flat (B-flat) and the time signature is 4/4. The melody is simple and folk-like. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across notes. There are some triplets indicated by a '3' over a group of notes.

Nos-sa Se--nho-ra da Póvoa — Nossa Senho-
ra da Pó--voa Man-da sol que vai cho-ver — Man-da
sol que vai cho--ver Que se mo-lhem os ves---tidos —
Que se molhem os ves--ti-dos Dos fiéis que Vos vem ver
Dos fiéis que Vos vem ver

Grav.^a 1 — «Nossa Senhora da Póvoa»

Prepara-se com o suficiente para despesas, enfarpela mulher e filhos, areja ele próprio o fato domingueiro e aí o temos a

(1) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II. Ver Grav.^a 1.

consultar os astros, receoso de que o mau tempo lhe venha estragar o dia.

*Nossa Senhora do Carmo,
À Vossa porta cheguei;
Tantos anjos me acompanhem
Como de voltas eu dei* (2).

The musical score is written on five staves. The first staff begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one flat (B-flat). The melody is written in a single line. The lyrics are: "Nos-sa Se---nho-ra do Car-mo Nos-sa Se---nho-ra do Car-mo À Vos-sa por---ta che-guei À Vossa por-ta che-guei Tantos An---jos m'acom-pa-nhem Tan-tos An---jos m'acom---pa--nhem Co---mo de vol-tas eu dei. Co mo de vol tas eu dei." The score includes various musical notations such as rests, beams, and dynamic markings.

Grav.^a 2 — «Nossa Senhora do Carmo»

Tem sorte oromeiro. Abrem-se as nuvens e brilha o Sol.
É já! E lá se vai a percorrer longos caminhos.

*Senhora do Almurtão,
Para lá eu vou andando;
Minha alma já lá está,
Meu coração 'stá chegando* (3).

(2) Rodney Gallop, *Cantares do Povo Português*. Ver Grav.^a 2.

(3) Eurico Sales Viana, *in* Secretariado Nacional de Informação e Turismo, *Monsanto*.

Os que ficam assistem ao longo desfile, inconsoláveis.

*Nossa Senhora das Preces,
Para lá vai tanta gente. . .
Também eu para lá fora,
Senhora, de boa mente (4).*

Agora, o Sol é uma brasa. Os merendeiros pesam como chumbo. Despem-se casacos. Aperta a sede. Buscam-se as fontes.

*Nossa Senhora da Graça
Tem água num cantarinho
Para dar aos romeiros
Quando vêm de caminho (5).*

A capelinha de Nossa Senhora alveja lá muito ao longe, a «meio da ladeira», ou posta à beira-mar, mirando as vagas.

<i>Ó Senhora Mãe dos Homens,</i>	<i>A Senhora da Saúde</i>
<i>'Stás a meio da ladeira,</i>	<i>Só ela pode brilhar;</i>
<i>Mais abaixo está Márcolos,</i>	<i>Tem a sua capelinha</i>
<i>Mais acima Salvaterra (6).</i>	<i>Levantada à beira-mar (7).</i>

Alcança-se a ermidinha.

*Nossa Senhora da Póvoa,
Já se acabou o cabeçaço;
Mandai-me abrir a porta,
Vos quero rezar um terço (8).*

(4) Rodney Gallop, *loc. cit.*

(5) Jaime Lopes Dias, *Beira Baixa*.

(6) Rodney Gallop, *loc. cit.* Ver Grav.ª 3.

(7) César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, II.

(8) Rodney Gallop, *loc. cit.*

Já mulheres se arrastam ao redor da capela, a cumprir sua promessa, rezando o terço.

*Ó Senhora Aparecida,
Ó redor de Vós andei;
Tantos anjos me acompanhem
Como de voltas eu dei* (9).

The musical score is written on five staves. The first staff shows a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 3/4 time signature. The melody begins with a quarter rest, followed by a quarter note G4, a quarter note A4, and a quarter note B4. The lyrics are: 'Stá, a mei--o da la--dei-ra Mais a-bai-xo'stá. Már-co-los, Mais a-ci--ma Sal--va--ter-ra Ó Se-nho--ra Mãe dos Ho--mens, Eu hei-de lá ir Hei-d'ir pa-gar a pro-mes-sa D'o meu a--mor qu'rer cá vir

Grav.^a 3 — «Ó Senhora Mãe dos Homens»

A capela, muito branca, florida e perfumada, é como noiva no dia do seu casório.

*Ó Senhora da Saúde,
A Vossa capela cheira;
Cheira a cravos, cheira a rosas
Mais a flor de laranjeira* (10).

(9) Armando Leça, in «Douro Litoral», 2.^a série, n.º IV.

(10) César das Neves, *loc. cit.*

Tudo limpinho. Brilha o trabalho da moça.

*Nossa Senhora da Póvoa,
Quem Vos varreu a capela?
Foi uma moça da Idanha
C'um raminho de macela* ⁽¹¹⁾.

Entra o romeiro em bicos de pés, de olhos postos no altar.
O da Senhora dos Aires é «à romana»...

*A Senhora dos Aires,
Ao pé de Viana,
Tem o seu altar
Feito «à romana»* ⁽¹²⁾.

Procura Nossa Senhora. Os olhos, mal afeitos à penumbra,
não logram enxergar. Se há cortinas, pior.

*Nossa Senhora da Guia
Tem as cortinas de seda
Pra livrar do ar da neve
Que vem da Serra da Estrela* ⁽¹³⁾.

Agora já se distingue... Que bela, Nossa Senhora e o
Menino!

*Não há Santa mais linda
Do que a do Almortão;
Tem seu Santíssimo Filho
Do lado do coração* ⁽¹⁴⁾.

(11) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

(12) Armando Leça, *Música Popular Portuguesa*.

(13) P.º Jaime Pinto Pereira, *Alegrias Populares*.

(14) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Como enfeites, tudo fitas. Fitas grandes e pequenas, fitas largas e estreitas, fitas de todas as cores.

*Nossa Senhora da Guia,
O Vosso altar tem fitas ;
A Senhora do Desterro
Manda-lhe muitas visitas (15).*

A Virgem resplendece.

*Nossa Senhora das Preces,
O Vosso nome é Maria,
Vossa saia de rosas,
Vosso manto de alegrias (16).*

Que lindo será o novo manto de Nossa Senhora! Lá diz a quadra:

*Nossa Senhora da Guia
Tem um manto a fazer,
Cheio de pérolas de ouro.
Muito lindo há-de ser! (17)*

O romeiro ajoelha, pouisa o chapéu, benze-se e principia a oração.

Em frente, atrás, todos rezam. Elas, as mulheres, de olhos em Nossa Senhora, formulam desejos.

*Nossa Senhora da Póvoa,
Acudi a quem Vos chama,
Acudi ao meu amor
Que está doente de cama (18).*

(15) P.º Jaime Pinto Ferreira, *loc. cit.*

(16) P.º Jaime Pinto Ferreira, *loc. cit.*

(17) P.º Jaime Pinto Ferreira, *loc. cit.*

(18) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Aquela, cujo homem foi à pesca do bacalhau, balbucia:

*Ó Senhora da Saúde,
Sois pequenina e bem feita,
Livrai os homens do mar,
Dai-lhe a Vossa mão direita* ⁽¹⁹⁾.

Ânsias de mãe:

*Senhora do Livramento
Que estais no Vosso altar,
Livrai o nosso António
D'ir prá vida militar* ⁽²⁰⁾.

Anseios de donzela, de pensamentos similares:

*Senhora do Livramento,
Livrai o meu namorado,
Livrai-o, Senhora minha,
Ai meu Jesus!
Dessa vida de soldado* ⁽²¹⁾.

Das paredes pendem *ex-votos*, testemunhando milagres. Mais um...

*Ó Senhora Aparecida,
Vinde abaixo da ladeira,
Vinde buscar a mortalha
Que eu já tive à cabeceira* ⁽²²⁾.

(19) César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, II.

(20) Gonçalo Sampaio, *Cancioneiro Minhoto*. Ver Grav.^a 4.

(21) Pedro Fernandes Tomás, *Cantares do Povo*. Ver Grav.^a 5.

(22) Armando Leça, in «Douro Litoral», 2.^a série, n.º IV.

Se-nho-ra do Li-vra-men-to Qu'estais no vosso al-
 tar Li-vrai o nos-so An-to-ni-o D'ir prá vi-da mi-li-
 tar Livrai o nos-so An-tar Se-nho-ra do Li-vra-
 mento Qu'estais na vossa vi-dra-ça Li vrai o nos-so An-
 tó-ni-o De ter d'ir as-sentar pra-ça Li-vrai o nosso An-
 pra-ça.

Grav.^a 4 — «Senhora do Livramento»

Terminada a reza, levanta-se o romeiro. E o chapéu?

*Senhora das Necessidades,
 Cá Vos fica o meu chapéu;
 Mandai-mo de cá, Senhora,
 Pelos anjinhos do Céu (23).*

Se-nhora do Livra-men-to Livrai o meu namo-
 ra-do Li-vrai o Se-nho-ra mi-nha Ó meu Je-sus, ó
 meu Je-sus Des-sa vi-da de sol-da-do Des-sa vida de sol-
 da-do

Grav.^a 5 — «Senhora do Livramento»

(23) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Cada romeirinha, orada a prece, fica-se de olhos na Virgem. Não a vira desde o ano findo . . . Como ela é sempre jovem, sempre linda! Nossa Senhora é sempre igual, quer Lhe chamem das Preces, da Saúde, das Necessidades, da Aparecida, da Póvoa ou da Graça. Quando Lhe canta o povo, é do Seu nome que tira inspiração, usando do «dobre» e do «mozdobre» trovadorescos como artifícios poéticos.

*Nossa Senhora das Preces,
Com preces venho aqui
Venho-Vos contar, Senhora,
As pressas em que me vi* ⁽²⁴⁾.

*Nossa Senhora da Graça,
Dai graça a quem não a tem,
Dai graças ao meu amor
Pra que ele me queira bem* ⁽²⁵⁾.

*Nossa Senhora do Alívio,
Já 'stou mais aliviada
Com notícias do meu bem
N'ũa cartinha fechada* ⁽²⁶⁾.

*Senhora das Necessidades,
Necessidade me obriga;
É tanta a minha desgraça
Que Vos peço morte em vida* ⁽²⁷⁾.

(24) P.^e Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(25) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

(26) Gonçalves Sampaio, *loc. cit.*

(27) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Nossa Senhora é mãe. É mãe das mães. Às mães fazem-se perguntas. Porque não fazê-las também à Virgem Maria? Bondosa como é, a todos responderá.

— *Nossa Senhora das Preces,
Que dais a quem vos vem ver?
— Dou-lhe água da minha fonte
Se a quiserem beber* ⁽²⁸⁾.

— *Tu, Senhora Aparecida,
Que dais aos Vossos romeiros?
— Dou água da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros* ⁽²⁹⁾.

— *Tu, Senhora Aparecida,
Que dais a quem Vos vem ver?
— Aos casados boa vida,
Aos solteiros bom viver* ⁽³⁰⁾.

— *Nossa Senhora da Graça,
Onde ides Vós de lenço?
— Vou fazer uma visita
À Senhora do Incenso* ⁽³¹⁾.

— *Nossa Senhora da Graça,
Onde ides Vós de véu?
— Vou fazer uma visita
À Senhora do Alto Céu* ⁽³²⁾.

(28) P.^e Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(29) César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, 11.

(30) Armando Leça, *in* «Douro Litoral», série 2.^a, n.º 14.

(31) e (32) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, 11.

— *Nossa Senhora da Póvoa,*
Que dais ao Vosso Menino?
 — *Pela manhã, papa doce,*
À noite, leite divino ⁽³³⁾.

Parece impossível ao romeiro que não tenha Nossa Senhora alguns bens. Tanto ouro em cordões, tanto ouro em anéis, tanto ouro em arrecadas, na bandeja tantas notas e moedas!... Algures haverá, sua pertença, qualquer campito ou leira. Ah, que se ela quisesse...

Nossa Senhora da Póvoa,
Os Vossos vales têm trigo;
Bem pudéreis Vós, Senhora,
Tê-los de meias comigo ⁽³⁴⁾.

Mas não, outros ajudarão, sem mira em lucros, só por devoção.

Nossa Senhora da Graça
Tem um jardim na Ribeira,
Mandai-o regar, Senhora,
Por uma moça solteira ⁽³⁵⁾.

O romeiro, imbuído em pensamentos, não dá por que lhe puxam a véstia.

— Ó pai, venha daí!

⁽³³⁾ Rodney Gallop, *loc. cit.*

⁽³⁴⁾ Rodney Gallop, *loc. cit.*

⁽³⁵⁾ Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

O fedelho, mandado pela mãe, lembra as horas do farnel. Sim, são horas, que há muito deu meio-dia. Comer é lei da Natureza. Nem Nossa Senhora lhe foge!...

*Nossa Senhora da Póvoa,
Dai-me do Vosso almoço,
Dai-me daquela enguia
Que anda em redor do pescoço* ⁽³⁶⁾.

Noutros tempos, assim era. Comia-se mesmo ali, por comodidade e sem irreverência, mas agora não. Há que procurar lugar sombrio e alfombrado, para dormir uma sesta.

The musical score is written on a single staff in G major (one sharp) and 6/8 time. It consists of five lines of music with lyrics underneath. The lyrics are: "Nos - sa - Se - nho - ra da Pó - -voa, Dai - me do vos - so al - - - - - mo - - - go Dai - me do vos - so al - - - - - mo - - - go Dai - me da - - que - la en - - gui - - - a Que anda ao re - dor do po - - - ço Que anda ao redor do po - - - ço." The score includes various musical notations such as notes, rests, and bar lines.

Grav.^a 6 — «Nossa Senhora da Póvoa»

*

Tomba o Sol. Lampeja o poente em viva chama. Estraleja o foguetório.

— A procissão! Lá vem a procissão!

Oromeiro levanta-se estremunhado e abeira-se da estrada.

(36) Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*. Ver Grav.^a 6.

Mais foguetes. Já se ouve a música. Avista-se o pendão.

*Nossa Senhora da Póvoa,
Quem Vos deu o guião verde?
Uma mocinha da raia,
Duma doença que teve* ⁽³⁷⁾

Já também o andor se avista...

*Nossa Senhora da Graça,
Ela lá em baixo vem
C'o seu Menino ao colo,
C'o cabelo ao desdém* ⁽³⁸⁾.

Passa a Irmandade, passam anjinhos, passam penitentes e passa também o andor da Virgem.

Oromeiro sente vagamente que algo existe superior à fama e à glória, à riqueza e ao prazer, às lutas e às ambições. É aquela sede de infinito, de bem-aventurança, que brota em si e o avassala com força indomável. A comunhão com o sobrenatural começa ali, ao passar a Senhora da sua devoção. E quando o pálido surge, abrigando o Santíssimo, não pode mais. Verga-se, verga-se e cai de joelhos.

À noite, com balões acesos e música no palanque, o baila-rico começa.

Há quem seja franco:

*Nossa Senhora da Granja,
Bem me podeis perdoar;
Vim à Vossa romaria
Só para cantar e bailar* ⁽³⁹⁾.

(37) Rodney Gallop, *loc. cit.*

(38) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

(39) Jaime Lopes Dias, *loc. cit.*

Ora, para bailar tudo serve! Agora, Cupido é rei. Canta-se o amor. Já Nossa Senhora não é tema obrigatório. Eles e elas gostam de quadras livres, como esta da romaria a Nossa Senhora da Assunção:

*Ó meu amor, se tu fores,
Escreve-me de caminho;
Se não tiver's papel 'screve
Nas asas dum passarinho* (40).

Na festa de Nossa Senhora da Encarnação, onde cai gente da Figueira, Lavos e Tavarede:

*Meu amor, se for's pró mar,
Não me leves no cuidado;
Deita-te à proa do barco,
Dorme um sono descansado* (41).

Esta é da Senhora do Alívio:

*Suspiros, ais e dores,
Magações e cuidados
É o manjar dos amores
Quando vivem separados* (42).

Os de mais longe foram-se, recolhida a procissão. Deitaram-se noite velha, invejando os bailadores. Afinal, podiam ter aproveitado, tal qual como os demais...

*Nossa Senhora da Assunção,
Ai, Jesus, quem me lá dera...
A culpa tive-a eu,
'Stava bem, não me viera* (43).

(40) P.^e Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(41) Pedro Fernandes Tomás, *Cantares do Povo.*

(42) Gonçalo Sampaio, *loc. cit.*

(43) P.^e Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

Quando canta nas romarias, o bom povo português dispõe de enorme variedade de motivos inspiradores, e usa duma quadra, duma cantiga para cada situação. Daí, a riqueza do repertório popular mariano. Há, habitualmente, canções a que os Franceses chamam de *passe-partout*, isto é, que se adaptam à Senhora daqui, dali e dacolá. Há, sobretudo, termos e frases de simpatia, ou porque soem melhor ou porque exprimam mais exactamente sentimentos comuns a todos as romeiros. Comparar Nossa Senhora a uma rosa é talvez, o lugar comum mais estimado. Chama-se «rosa» à Senhora da Lapinha e à Senhora da Granja; «rosa em botão» à Senhora da Póvoa; «rosinha branca» à Senhora das Necessidades; «rosinha branca» e «rosinha vermelha» à Senhora da Aparecida. «Linda rosa» diz-se da Senhora da Aparecida, da Senhora das Necessidades, da Senhora das Preces e da Senhora da Póvoa. A Senhora das Necessidades é também «boquinha de riso» e «maçã camoesa». A Senhora do Almurtão, «boquinha de coral verde». As Senhoras das Necessidades, Póvoa e da Saúde, «marinheiras» e «lindas marinheiras». Quanto aos estribilhos «Eu pró ano lá hei-de ir» e «Eu este ano lá hei-de ir», ouvem-se em canções das romarias da Senhora da Ourada, Senhora da Póvoa, Senhora da Saúde e Senhora da Aparecida ⁽⁴⁴⁾.

No acervo das canções marianas um tratado de corografia se contém. Há canções tópicas referidas a variadíssimas localidades, como Lisboa, Coimbra, Penamacor, Idanha, Proença, Portela, Lobjiga, etc.. A cidade de Lisboa figura na seguinte quadra:

*Senhora do Almurtão
Procurei-a e não a achei,
Tinha ido a Lisboa
Visitar o nosso rei* ⁽⁴⁵⁾.

(44) Ver Grav.^a 7.

(45) Eduardo A. Correia Lopes, *Cancioneirinho de Fozcoa*, Ver Grav.^a 8.

Musical score for "Nossa Senhora da Ourada". It consists of three staves of music in 12/8 time. The lyrics are: Nos-sa Se--nhora da Ou--ra--da Eu es-
te ano lá . hei-d'ir Não vos hei-de le-var na--da . In-
-da vos hei-de pe---dir.

Grav.^a 7 — «Nossa Senhora da Ourada»

As canções de romaria são directas, concentradas, isto é, apresentam-se despojadas de estribilho que desvie o sentido do significado da estrofe. Como excepção, citamos uma de dois estribilhos — um intercalado e outro terminal.

<i>De Buarcos à Figueira,</i>	<i>Lá vem o meu amorzinho,</i>
Lindo bem,	Lindo bem,
<i>Senhora da Encarnação,</i>	<i>Naquela embarcação.</i>
Vá devagarinho,	Vá devagarinho,
Vá e não vá só;	Vá e não vá só;
Vá devagarinho,	Vá devagarinho
Que levanta o pó.	Que levanta o pó ⁽⁴⁶⁾ .

Musical score for "Senhora do Almutão". It consists of four staves of music in 12/8 time. The lyrics are: Se-nho--ra do Al-mur-tão Pro--curei-a e não a-
chei Pro--cu-rei e não a--chei Ti-nha i--do a Lis-
bo--a Vi--si--tar o nos-so rei Vi--si--tar o nos-so
rei

Grav.^a 8 — «Senhora do Almutão»

(46) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Fumos patrióticos também delas se desprendem.

<i>Senhora do Almortão,</i>	<i>Nossa Senhora da Póvoa,</i>
<i>Minha tão linda arraiana,</i>	<i>Deitai os olhos ao chão ;</i>
<i>Voltai costas a Castela,</i>	<i>Dai forças aos Portugueses</i>
<i>Não queiras ser castelhana ⁽⁴⁷⁾.</i>	<i>Pra defender a Nação ⁽⁴⁸⁾.</i>

É digna de nota a influência dos sinos sobre a canção popular religiosa e não religiosa. É da Beira Baixa a seguinte canção profana de sentido onomatopaico:

<i>Ó dlim, ó dlim dim dim</i>	<i>Quando toca o sino</i>
<i>Ó dlim dim dim</i>	<i>Ó dlim dim dão</i>
<i>Ó dlim dim dão</i>	<i>O sino fino</i>
<i>Com dois guizos ao pescoço ;</i>	<i>Ó dlim dim dim,</i>

Também toca o sino grosso
Ó dlim dim dão ⁽⁴⁹⁾.

O tema dos sinos, na canção mariana, depara-se-nos na quadra seguinte, dedicada a Nossa Senhora da Graça:

Nossa Senhora da Graça,
O Vosso sino não soa ;
Virgem, se tendes dinheiro,
Mandai-o vir de Lisboa ⁽⁵⁰⁾.

(47) Pedro Fernandes Tomás, *Cantares do Povo*. Ver Grav.^a 9.

(48) Jaime Lopes Dias, *loc. cit.*

(49) Pedro Fernandes Tomás, *Cantares do Povo*.

(50) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II.

Também na festa da Nossa Senhora da Póvoa os romeiros cantam :

*Nossa Senhora da Póvoa,
Já cá vamos à Meimoa;
Que terá o Vosso sino
Que o Vosso sino não soa? ⁽⁵¹⁾.*

*Nossa Senhora da Póvoa,
Que tendeis no Vosso sino?
Galo preto romano
Que canta Verbum Divinum ⁽⁵²⁾.*

The image shows a musical score for a song. It consists of five staves of music. The first staff is a treble clef with a 9/8 time signature. The lyrics are written below the notes. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some triplets and accents. The lyrics are: "De Bu-ar-cos à Fi-guei--ra, Lindo bem Se--nho-ra da Encar-na--ção, Lindo bem Ai! Vá de--vaga-ri---nho Ai! Vá. e não vá só Vá de--va-ga-rinho Ai, que le--vanta o pó Vá de va-ga----ri-nho Ai, que le--vanta o pó".

Grav.^a 9 — «De Buarcos à Figueira»

A influência dos ritmos próprios dos sinos estende-se aos cânticos marianos no interior dos templos, como se infere duma Ave-Maria recolhida por César das Neves no Pinheiro da Bem-

⁽⁵¹⁾ Jaime Lopes Dias, *loc. cit.*

⁽⁵²⁾ Rodney Gallop, *loc. cit.*

posta (Oliveira de Azeméis), em 1892, e publicada no seu *Cancioneiro de Músicas Populares* (III, 1898) (53).

10

A-ve, Ma--ri-a cheia de gra-ça, o Se-

nhor é con-vos-co, ben-di-ta sois vós entre as mulheres, bendito é o

fru-to do vos-so ventre, Je--sus San-ta Ma--ri--a, Mãe de

Deus, ro-gai por nós, pe--ca--do-res, a-----go-ra e na

ho-ra da nos-sa mor-te. ^{rall.} A--men, Je sus.

Grav. 10 — «Ave, Maria»

II — Os cânticos a Nossa Senhora no interior dos templos

A oração mais importante do mundo católico, depois do Padre-Nosso, é, sem dúvida, a Ave-Maria.

Todos muito bem sabem que a Ave-Maria é uma oração resultante da adição de textos verbais distintos: a saudação angélica («Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco»), a saudação de Santa Isabel («Bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre») e uma prece conclusiva, segundo a fórmula consagrada por S. Pio V («Santa Maria, mãe de Deus, etc.»).

Temos, então, desde já, que no plano da Ave-Maria entra uma dupla saudação e uma prece. Veremos, mais adiante, como esta distinção se reveste de alguma importância.

A mais antiga Ave-Maria popular do nosso conhecimento foi recolhida cerca do ano de 1880, na Ilha de S. Miguel. É a duas

(53) Ver Grav.^a 10.

A-- ve Ma--- ri-a cheia de grã-----ça O Se-
 nhor é con---vos-----co Ben--di-ta sois vós entre as mu-
 lhe---rés Ben-di-to é o fru-----to do vos-so
 ven-----tre Je-----sus.

Grav.ª 11 — «Ave, Maria»

vozes e, por esta circunstância, rodeia-se de algum interesse. César das Neves compendiou-a, quinze anos mais tarde, no *Cancioneiro de Músicas Populares*.

O mesmo autor publicou uma outra, em 1893, a uma só voz, imbuída musicalmente de sabor romântico. Fora recolhida na Beira Alta.

Diversas Ave-Marias publicou Gonçalo Sampaio no seu *Cancioneiro Minhoto*, e todas polifónicas.

As duas aqui reproduzidas ⁽⁵⁴⁾ foram recolhidas na Beira Baixa. A primeira é descansada, dotada de certa dolência. Ouvia-se

A-ve Ma--ri--a cheia de gra-ça O Se-
 nhor é convosco bendi--ta sois vós entre as mulher's ben-di-to é o
 fru-to do vosso ven-tre, Je-sus. San-ta Ma--ria, Mãe de Deus,
 ro-gai por nós, pe-ca--do--res, a--go-ra e na ho--ra da nossa
 mor-te, A men.

Grav.ª 12 — «Ave, Maria»

(54) Ver Grav.ªs 11 e 12.

nos Terços de Mação, pela madrugada, nos quatro primeiros Domingos da Quaresma. A segunda, também de Mação, era dada ao Domingo de Páscoa. Pressente-se nela, sem grande esforço, o badalar dos sinos. Ambas foram compendiadas por Francisco Serrano em *Romances e Canções Populares da Minha Terra*.

As Ave-Marias postas em música subordinam-se, em geral, ao texto do breviário romano, mas não tem sido sempre assim. Num motete do polifonista Josquin des Prés, que viveu por toda a segunda metade do século XV, a saudação de Santa Isabel, que se exprime em latim pelas palavras «Benedicta tu in mulieribus et benedictus ventris tui», aparece glosada do modo seguinte:

«Benedicta tu in mulieribus et benedictus ventris tui,
Iesus Christus, Filius Dei vivi, et benedicta sint beata ubera
quae lactaverunt regem regnum et Dominum nostrum».

Também Gil Vicente nos deixou uma paráfrase da saudação de Santa Isabel:

<i>Deus te salve, Maria,</i>	<i>Goza-te com alegria,</i>
<i>Cheia de graça graciosa,</i>	<i>Humana e divina rosa,</i>
<i>Dos pecadores abrigo.</i>	<i>Porque o Senhor é contigo.</i>

Parafraseando a Ave-Maria, canta o povo da Beira:

<i>Ave, Maria,</i>	<i>Deus Vos revestiu</i>
<i>Estrela do ar,</i>	<i>De virtudes tais</i>
<i>Mãe pura de quem</i>	<i>Que sois um prodígio,</i>
<i>Quis Deus encarnar.</i>	<i>Bendita sejais.</i>

*Tiveste o teu parto
E virgem ficais ;
Serás sempre virgem,
Bendita sejais (55).*

Esta paráfrase desenvolve-se ao longo de quinze quadras. A antífona mais importante, depois da Ave-Maria, é a Salve-Rainha, que deve a sua enorme popularidade à circunstância de a ter indigitado Leão XIII como oração obrigatória em todas as missas rezadas sem aparato solene. O seu plano é idêntico ao da Ave-Maria, isto é, consta de saudação e prece. Diz a saudação :

«Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve».

A prece, por sua vez, pode resumir-se nos seguintes termos :

«A Vós bradamos, a Vós suspiramos gemendo e chorando; esses Vossos olhos misericordiosos a nós volvei e depois deste desterro nos mostrai a Jesus; rogai por nós para que sejamos dignos das promessas de Cristo».

Salve-Rainhas populares têm sido recolhidas um pouco por toda a parte. As do Minho apresentam-se dotadas de curioso recorte musical: o celebrante canta a solo — «Salve, Rainha, Mãe de misericórdia» — ao que o povo responde em coro polifónico: «Vida, doçura, esperança nossa». Volta o celebrante com o hemistíquio do versículo inicial e responde o coro com o segundo, seguindo-se sempre por esta ordem até final. É, assim, a regra observada na entonação das Antífonas, nas missas de féria e simplex.

(55) Francisco Serrano, *Romances e Canções Populares da Minha Terra*.

A Salve-Rainha reproduzida na Grav.^a 13, influenciada pelo Responso de Santo António, e imbuída, toda ela, de sabor grego-

13

Sal--ve, Ra----inha, Mãe de Mi-s'ri-cór--dí--a,
vi-da, do-qu...ra, es p'rança nos-sa, sal--vei A vós bra-
da---mos os degre-da-dos filhos d'Eva A vós suspi-ra-
mos ge-men-do e cho-ran-do nes-te val' de lá-gri-mas.Ei-a,
pois,a--d(e)vo-ga-da nos----sa es-ses vossos o---lhos
mi--se-ri-cor----diosos a nós vol--vei e de-pois deste des-
ter-ro nos mos-trai a Je---sus. Bendi-to o fruto do vosso
ventre O cle--men-t'ó pie-dó-s'ó do-ce, sem-pre
Vir-gem Ma--ri ----a, ro---gal por nós, San-ta Mãe de
De-us p'ra que seja-mos dignos das promessas de Cris-to,ã--men.

Grav.^a 13 — «Salve, Rainha»

riano, foi recolhida na Ilha de S. Jorge, onde se cantava pelos fins do século passado. Compendiou-a César das Neves no *Cancioneiro de Músicas Populares* (III, 1898).

As paráfrases da Salve-Rainha, que também as há e já existiam em passados séculos, até já na Idade Média, inspiram-se ou

nas Antífonas da Festa da Imaculada Conceição ou nos versículos do próprio texto canónico. Pelo que respeita às Antífonas, citamos;

*Benedicta es, Virgo Maria,
Trahe nos immaculata*

A título de exemplificação, aqui se reproduzem as três primeiras quadras duma glosa de Salve-Rainha que se cantava pelo Algarve, há cerca de 80 anos, com insistente repetição das palavras «Bendita sejas».

<i>Salve, doce amparo</i>	<i>Dai-nos Vossa bênção</i>
<i>Dos fracos mortais;</i>	<i>Pois Mãe Vos chamais</i>
<i>Rainha dos Anjos,</i>	<i>Da misericórdia,</i>
<i>Bendita sejas.</i>	<i>Bendita sejas.</i>

*Sois vida, doçura,
Dos filhos que amais;
Esperança nossa,
Bendita sejas ⁽⁵⁶⁾.*

A composição prossegue, neste estilo, por mais vinte e quatro quadras de redondilha menor.

A versificação cingida ao texto canónico é-nos apresentada no cancionero *Alegrias Populares*, do P.^e Jaime Pinto Pereira, de Alvoco da Serra (Beira Alta), e é assim:

<i>Salve, Rainha Suprema,</i>	<i>Filhos de Eva, a Vós bradamos</i>
<i>Obra prima do Senhor,</i>	<i>Com fé viva e santo ardor</i>
<i>Virgem que deste aos povos</i>	<i>Nesse dia em que te fez grande</i>
<i>Do Universo o Redentor.</i>	<i>Do Universo o Redentor.</i>

(56) César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, I, 1893.

<i>A nós voltei Vossos olhos</i>	<i>Doçura, esperança, nossa,</i>
<i>Com piedade e amor</i>	<i>Te saúdam com fervor</i>
<i>E por nós rogai, ó Virgem,</i>	<i>Quantos lá no limbo esperam</i>
<i>Do Universo o Redentor.</i>	<i>Do Universo o Redentor.</i>

E por aqui adiante vai prosseguindo a paráfrase, na qual a simpatia por um verso refranescos, qual «palavra perduda» da lírica trovadoresca, se manifesta na periódica repetição de *Do Universo o Redentor*.

No culto de Nossa Senhora usa o povo, além das Ave-Marias, Salve-Rainhas e respectivas paráfrases, formas poéticas de estilo livre, umas a que podemos chamar Hinos, outras Loas e outras Ofertórios. Exemplo de Hino poético:

<i>Grato é ver a aurora</i>	<i>É com ramos viçosos</i>
<i>Rasgar de noite o véu;</i>	<i>Ornemos Seu altar;</i>
<i>É mais bela a Senhora</i>	<i>Hinos harmoniosos</i>
<i>Que esse ornato do céu.</i>	<i>Vamos-lhe hoje cantar (57).</i>

O cântico de Alvoco da Serra, ali conhecido pela designação de «Cantai a Maria», é uma Loa, pois diz o coro referindo-se a Nossa Senhora:

*Cantemos, cantemos,
Seu nome ressoe
E o orbe lhe entoe
Vozes de louvor (58).*

Outra Loa se pode considerar o cântico intitulado A «Virgem», compendiado pelo etnógrafo figueirense Pedro Fernandes Tomás e mais tarde pelo Rev. P.^o Jaime Pinto Pereira mas com solfa diferente.

(57) P.^o Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(58) P.^o Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

Eis as duas primeiras quadras, como se cantam em Alvoco da Serra, pelo mês de Maio:

<i>Ó Virgem amável,</i>	<i>Ó Vós, Maria,</i>
<i>Celeste Maria,</i>	<i>Louvores cantaremos</i>
<i>Nossa luz e guia,</i>	<i>Neste mês e dia</i>
<i>Nossa dita e amor.</i>	<i>Que Vos consagramos (59).</i>

«Acolhe-nos, benéfica» é ainda um canto laudatório beirão.

<i>Acolhe-nos, benéfica,</i>	<i>Cheios de amor e júbilo,</i>
<i>Sob o refúgio santo</i>	<i>A Ti nos consagramos,</i>
<i>Do teu eterno manto,</i>	<i>Um canto entoamos,</i>
<i>Ó Mãe do Salvador.</i>	<i>Senhora, em Teu louvor (60).</i>

Nos cantares de Alvoco da Serra há dois Ofertórios curiosos. No primeiro, a oferta é de rosas:

<i>De colher algumas flores</i>	<i>Quão grata me fora a vida</i>
<i>Dia nenhum deixarei;</i>	<i>Entre sarças espinhosas</i>
<i>Com elas a Vossa frente,</i>	<i>Se por Vós fossem aceites:</i>
<i>Virgem Santa, cingirei.</i>	<i>Delas brotariam rosas! (61)</i>

No segundo Ofertório, a doação é de amor:

*Ó Virgem, a quem Deus Padre
Criou tão bela e tão pura,
Que nem no Céu e na Terra
Há outra igual criatura.*

(59) Pedro Fernandes Tomás, *Canções Portuguesas* e P.º Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(60) P.º Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(61) P.º Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

E responde o coro:

*Ó Maria consoladora,
A Vós damos o nosso amor* ⁽⁶²⁾.

Os cantos a Nossa Senhora também revestem a forma de súplica. No Minho, recolheu Gonçalo Sampaio uma Jaculatória em que o fervor da prece se traduz por sucessivas repetições verbais.

*Ó Virgem Maria, Salvai minha alma,
Ó Virgem Maria, Salvai minha alma,
Maria e José, Que ela Vossa é,
Maria e José, Que ela Vossa é* ⁽⁶³⁾.

É ainda de Alvoco da Serra a Jaculatória que principia pela quadra:

*Ó terna Mãe suplicante,
A Jesus voltei o olhar;
Oh dizei-me neste instante
Como é triste meu penar!* ⁽⁶⁴⁾

Já vimos como os poetas marianos se comprazem em dar a um determinado verso a força de um estribilho. Essa tendência deu lugar a um certo número de composições em que o estribilho parece ser a preocupação fundamental. Uma dessas composições, com o estribilho inicial «Com minha mãe estarei», cantava-se no Norte do país, pelo mês de Maio, nas novenas da Conceição e outras dedicadas a Nossa Senhora ⁽⁶⁵⁾. Deste género, pode ainda citar-se «Ó Virgem dos Altos Céus», da Beira Baixa, e «Bendita

(62) P.º Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(63) Gonçalo Sampaio, *loc. cit.*

(64) P.º Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.*

(65) César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, II, 1895.

sejais», esta compendiada por César das Neves, em 1895 ⁽⁶⁶⁾, e por Pedro Fernandes Tomás, em 1913 ⁽⁶⁷⁾.

Gil Vicente dá testemunho da antiguidade deste artifício poético. Com efeito, no fecho do *Auto da Feira* depara-se-nos uma belíssima composição poética mariana dotada de refrão e delicioso sabor arcaico, pelo seu paralelismo estrófico. Funciona de estribilho o verso: «Virgem sagrada». Esta prática, que se tem mantido através dos tempos, representa, de certo modo, como já tivemos ocasião de dizer, a «palavra perdida» da lírica galaico-portuguesa. Canta-se no *Auto da Feira*:

*Blanca estais colorada,
Virgem sagrada.*

<i>Em Belem villa de amor</i>	<i>Em Belem villa de amor</i>
<i>Da rosa nasceu a flor:</i>	<i>Nasceu a rosa do rosal:</i>
<i>Virgem sagrada.</i>	<i>Virgem sagrada.</i>

<i>Da rosa nasceu a flor,</i>	<i>Nasceu a rosa do rosal,</i>
<i>Para nosso salvador:</i>	<i>Deus e homem natural:</i>
<i>Virgem sagrada.</i>	<i>Virgem sagrada.</i>

Uma das mais lindas canções de estribilho, cantada pelo povo, mas de origem erudita, como, aliás, tantas outras, ouve-se ainda hoje na freguesia de Alvoco da Serra. Inspirada e dotada de saboroso lirismo, é assim:

*A noite desce lenta e triste,
Cobrem as sombras as serranias,
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os anjos: Ave, Maria.*

⁽⁶⁶⁾ César das Neves, *Cancioneiro de Músicas Populares*, II.

⁽⁶⁷⁾ Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*.

*Na torre estreita do pobre templo
Ressoa o sino da freguesia;
Abrem-se as flores, Vésper desperta,
Cantam os anjos: Ave, Maria.*

*No tosco albergue dos seus maiores,
Onde só reina paz e alegria,
Entre o filhinho, o bom colono
Repete às vezes: Ave, Maria.*

*E longe, longe, na velha estrada,
Pára, e saudades da pátria envia;
Romeiro exausto, que o céu contempla,
E fala aos ermos: Ave, Maria.*

*Na soledade, sem pão nem água,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as preces busca,
Curva-se e reza: Ave, Maria.*

*Só nas alcovas, nas salas dúbias,
Nos longos meses de longa orgia,
Não diz o ímpio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato: Ave, Maria ⁽⁶⁸⁾.*

No dia da Purificação de Nossa Senhora, canta-se na mesma freguesia de Alvoco da Serra uma espécie de romance sacro, relatando os transe por que passou a Virgem Maria durante a paixão e morte de Cristo. A melodia deste canto mariano vai reproduzida na Grav.^a 15.

✱

Até ao momento, temo-nos ocupado quase exclusivamente dos textos literários, procurando relacioná-los entre si e com as

(68) P.^e Jaime Pinto Pereira, *loc. cit.* Ver Grav.^a 14.

A noi-te desce len-ta e triste Cobrem as
 sô-m-bras a serra---ni--a Ca-lam-se as a-ves, cho--ram os
 ven-tos, Di--zem os ven---tos A--ve, Ma--ri---a Na tor-re es-
 treita do pobre templo Ressoa o si---no da fregue--si---a
 Abrem-s'as flores Vesper des pon-tá Cãn-tam os A n--jos
 A---ve, Ma---ri---a.

Grav.^a 14 — «A noite desce lenta e triste»

15
 Cra--va-se a espa-da de dor No co-
 ra-ção de Má---ri--a Quan-do o pro--fe---ta a-num-ci---a
 A pai--xão do Re--den-tor.

Grav.^a 15 — «Crava-se a espada de dor»

origens, pouco dizendo a respeito dos musicais. Pois agora vamos falar das solfas.

Os textos musicais que poderiam ter sido assinalados são, na sua maioria, banais. Os mais antigos traem sensibilidade romântica superficial e só os polifônicos têm a beleza que lhes advém do efeito harmónico produzido pelas vozes do coro. É assim no Norte do país.

Nestas condições, o valor estético não é de considerar, e nós vamos passar à análise de dois cânticos influenciados pelo gregoriano, o que lhes confere algum interesse. É o primeiro uma toada em que se alude ao milagre de Nossa Senhora da Nazaré, e a influência é da salmodia do 8.º Modo eclesiástico (69).

Se-nho-ra da Na-za-ré — Fez um mi-la-gre
de re--pen-te Sus-te--ve o cá-va--lo em pé Na-que-la
pe-dra pa-ten-te.

Grav.^a 16 — «Senhora da Nazaré»

Denunciando influência gregoriana, quer na música quer no texto literário, temos o segundo cântico extraído do repertório mariano de Alvoco da Serra, tantas vezes citado ao longo das presentes considerações. A letra pode dividir-se em três secções, e cada secção é tradução mais ou menos livre de uma das antífonas que se cantam, com seu texto em latim, na Festa de Nossa Senhora da Conceição. Vejamos cada uma das secções.

Primeira secção :

Antífona — *Tota pulchra es Maria, et macula originalis non es in te.*

Tradução — Toda sois formosa, ó Maria, e não Vos manchou o pecado original.

Segunda secção :

Antífona — *Tu gloria Ierusalem, tu laetitia Israel, tu honorificencia populi nostri.*

Tradução — Vós sois a glória de Jerusalém, Vós sois a alegria de Israel, Vós sois a honra do nosso povo.

(69) Armando Leca, *Música Popular Portuguesa*. Ver Grav.^a 16.

Terceira secção :

Antífona — *Trahe nos, Virgo immaculata, post te curremus in odorem unguentorum tuorum.*

Tradução — Vós, advogada dos pescadores, ó Maria Virgem prudentíssima, rogai por nós a Nosso Senhor Jesus Cristo.

17

To-da sois formo-sa, ó Ma-ri--a To-da sois for-
 mo-sa, ó Ma-ri-a E não Vos manchou o pe-ca-do o--ri--gi-
 nal E não Vos manchou o pe-ca-do o--ri--gi nal. Vós sois
 a glória de Je-ru--sa-lém. Vós sois a alegri--a d'Isra---el.
 Vós sois a hon-ra do nos-so po-----vo. Vós sois a advo-ga-
 da dos pe-ca-do-res. Ó Ma---ri-----a! Ó Ma---ri-----a!
 Virgem pru-den--tis-si--ma , Mãe clemen--tis-si--ma , Ro-gai
 por nós -- Inter-ce--dei por nós, A Nosso Se-nhor
 Je-----sus Cris--to.

Grav.^a 17 — «Toda sois formosa»

A Grav. 17 mostra-nos o cântico popular «Toda sois formosa», que se baseia musicalmente na melodia gregoriana da Antífona *Tota pulchra es*, acima especificada. É um dos mais belos trechos do repertório popular mariano.

